

FOTOGRAFIA DE CARNAVAL: EXPERIMENTOS COM A PLASTICIDADE DA VIDA E DA ARTE

Carnival's photography: experiments with plasticity of life and art

Karine Lima Verde Pessoa¹
Maria Goreth Rêgo Albuquerque²
Francisco Paiva Filho³
Marta Lima Beleza⁴
Juliano Moura da Cruz Soares⁵
Natércia Cristina Siqueira Rios⁶

Artigo encaminhado: 15/03/2016
Aceito para publicação: 01/12/2016

RESUMO

A experiência artística e cultural tem sido frequentemente referenciada como um potente dispositivo de promoção da saúde e inclusão social. O presente relato versa sobre a participação de trabalhadores e usuários de um serviço de saúde mental em um bloco carnavalesco, bem como sobre o desdobramento dessa experiência e seu registro. Foram realizadas oficinas para elaboração e montagem de uma exposição fotográfica, em que foi produzida coletivamente uma narrativa visual acerca do vivido. Apresenta-se uma discussão sobre este dispositivo a partir de uma visão ampliada da clínica, o qual mostrou-se consoante com a luta viva da Reforma Psiquiátrica, apontando possibilidades para além do enquadre biomédico, na perspectiva da produção de vida.

Palavras-chave: Saúde mental; Socialização; Arte; Fotografia.

ABSTRACT

The artistic and cultural experience has often been referred to as a powerful promotional device health and social inclusion. This report deals with the participation of workers and users of a mental health service in a carnival group, as well as the

¹ Mestre em Saúde Pública. Psicóloga. Coordenadora de Saúde Mental de Maracanaú na ocasião da experiência relatada. karine.limaverde@gmail.com

² Pedagoga, arte terapeuta, membro do Grupo de Pesquisa em Arte da Universidade Estadual do Ceará (IARTHE-PPGE/UECE). Supervisora de Saúde Mental de Maracanaú na ocasião da experiência relatada. albuquerque.mgr@gmail.com

³ Mestre em Cuidados Clínicos em Saúde e Enfermagem. Enfermeiro. Universidade Estadual do Ceará. Enfermeiro do CAPS ad de Maracanaú na ocasião da experiência relatada. chicopf@yahoo.com.br

⁴ Aposentada. Usuária do CAPS geral de Maracanaú na ocasião da experiência relatada. marta_soumaiseu@hotmail.com

⁵ Psicólogo. Psicólogo do CAPS ad de Maracanaú na ocasião da experiência relatada. juliano1805@gmail.com

⁶ Psicóloga, Especialista em Terapia Cognitiva Comportamental. Psicóloga do CAPS ad de Maracanaú na ocasião da experiência relatada. naterciarrios_@hotmail.com

unfolding of this experience and his record. Workshops were held to prepare and mount a photographic exhibition, it was collectively produced a visual narrative about what was experienced. It presents a discussion on this device from an expanded view of the clinic, which proved to be consonant with the living struggle of the Psychiatric Reform, pointing out possibilities beyond the biomedical fit in view of the production of life.

Keywords: Mental health; Socialization; Art; Photography.

1 INTRODUÇÃO

...a cultura popular da imagem é uma cultura que considera lícita a transformação de certos momentos da vida e certas situações em imagem fotográfica e que considera que outros momentos e situações devem ser interditadas à invasão e à visão do fotógrafo e dos bisbilhoteiros em geral (MARTINS, 2011, p.17)

A relação da sociedade com a “loucura” ou com toda sorte de comportamentos “anormais” foi se transformando ao longo da história. Essa relação depende de valores e suposições sobre o comportamento humano. Ao transformar-se, entretanto, ideias antigas não são necessariamente superadas, podendo receber acréscimos – nem sempre coerentes - relacionados a concepções e tratamentos (Holmes, 2001). Coexistem em um mesmo tempo histórico “práticas orientadas por ideologias de tempos diversos” (BAREMBLITT, 2002, p. 38).

No atual cenário da Reforma Psiquiátrica, a loucura pode ser significada como genialidade, castigo divino, doença ou fraqueza de caráter. Associadas a tais significados, encontramos ideias como periculosidade, improdutividade, irracionalidade ou incapacidade para atividades produtivas ou para o convívio social (Amarante et al, 2012). Apesar dos princípios e diretrizes da Reforma Psiquiátrica, amplamente discutidos e adotados como Política Oficial de Atenção à Saúde Mental no Brasil, frequentemente encontramos como resposta – ou “tratamento” – a reclusão, a contenção e a tutela.

Como afirmou Pelbart (1990, p. 134), “nada disso basta, e essa é a questão central, se ao livrarmos os loucos dos manicômios mantivermos intacto um outro manicômio, mental, em que confinamos a desrazão”. Em um artigo publicado em 2006, Alverga e Dimenstein revelam contradições nos atuais discursos sobre a loucura ao analisar, por exemplo, a fotografia de um grupo de usuários de um serviço de saúde mental participando de um desfile de carnaval. Em volta deles,

encontramos uma grossa corda de contenção. “Afirmamos que essa fotografia pode indicar o cerne da problemática da Reforma Psiquiátrica com apenas duas palavras: confinamento e controle” (p.307). Entretanto, a participação em eventos sociais e culturais – incluindo aqui a participação em desfiles e bailes de carnaval – pode constituir-se como recurso terapêutico e de inclusão social, caso afirme cidadania e potencialize cidadania.

Em Fortaleza, desde 2007, encontramos o bloco “Doido é Tu⁷”. O bloco foi criado para celebrar o Carnaval de cada Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), mas cresceu, conquistou participantes dentro e fora do cenário da atenção à saúde mental e hoje faz parte do calendário oficial dos desfiles de Carnaval da Capital Cearense. O bloco oportuniza aos usuários dos serviços de atenção à saúde mental experiências de criação, expressão e convivência social. Além disso, fomenta a discussão acerca de preconceitos e estigmas associados aos ditos “loucos”.

Em 2012, o bloco desfilou com o tema “Arte e Loucura” e foi campeão do carnaval com a marchinha “De artista e de louco, todos nós temos um pouco”. No citado ano, o bloco contou com quase 500 participantes, dentre os quais estavam usuários da rede de Atenção à Saúde Mental de Maracanaú, município da região metropolitana. A experiência foi registrada por meio de fotografias e o presente relato versará sobre o desdobramento da experiência e do registro, através do processo de elaboração e montagem de uma exposição fotográfica, em que trabalhadores do CAPS e usuários do serviço, juntos, produziram uma narrativa visual como recurso de dar a conhecer aos demais o que fora vivido.

1.1 Maracanaú: o cenário da experiência

O Ceará é um dos pioneiros na reforma psiquiátrica, sendo o primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) inaugurado em 1991, na cidade de Iguatu, seguido pelos CAPS de Canindé (1993), Quixadá (1993), Cascavel (1995), Icó (1996) e Aracati (1997). Juntamente a mudanças no contexto da atenção à saúde mental, ocorriam também mudanças políticas, a exemplo da aprovação da Lei Estadual nº

⁷ O Bloco foi criado pela Secretaria Municipal de Saúde, por meio da Coordenação de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, tem o apoio da Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor) e da Fundação Silvestre Gomes.

12.151, de 29 de julho de 1993, a qual dispõe sobre internações compulsórias e delinea um modelo não hospitalocêntrico de atenção à saúde mental (SAMPAIO; BARROSO, 2001).

Maracanaú localiza-se no Estado do Ceará, Nordeste do Brasil, fazendo parte da Região Metropolitana de Fortaleza, capital do Estado. No que se refere à atenção à saúde mental, o município tem seu primeiro CAPS implantado no ano de 2005 e em 2008, implanta um CAPS para usuários de álcool e outras drogas (CAPS ad). Em 2012, encontrava-se em processo de implantação um CAPS infanto-juvenil (CAPS i).

Maracanaú o terceiro município do Estado no que se refere ao contingente populacional, com população estimada em 209.748 pessoas (projeção IBGE - 2010). O Produto Interno Bruto (PIB) do Município está centralizado fundamentalmente no setor industrial. Sofreu um vertiginoso crescimento populacional, motivado principalmente pela construção de vários conjuntos habitacionais, ocupados pela classe trabalhadora de Fortaleza que buscava alternativas à falta de condições de sobrevivência na capital do estado, abrigando-se na periferia do Distrito Industrial. Apesar da grande arrecadação tributária (segunda do Estado), a população predominante é composta de pessoas de baixa renda, baixa escolaridade, mantendo grande dependência dos serviços públicos de assistência, no caso da saúde, do Sistema Único de Saúde. (MARACANAÚ, 2011)

1.2 Oficinas de registros fotográficos da participação no Bloco Doido é Tu e exposição itinerante

Minhas fotografias são um vetor entre o que acontece no mundo e as pessoas que não têm como presenciar o que acontece. Espero que a pessoa que entrar numa exposição minha não saia a mesma (Sebastião Salgado, Fotógrafo)

O trabalho com os registros fotográficos da participação dos usuários no desfile do bloco Doido é Tu em 2012 intencionou identificar o significado dessa experiência, assim como analisar sua potencialidade para promoção da saúde. A participação no bloco marca uma luta social, cultural e política em que o dito “louco” retira-se do local de exclusão e assume seu lugar de cidadão, com direito e capacidade de fazer parte de sua comunidade. Essa ideia referenciava nossa proposta, nos restava verificá-la a partir da experiência dos usuários. A oficina visava recordar, celebrar a

vitória do bloco no carnaval, mas, prioritariamente, ouvi-los. Utilizamos a imagem pela significação social que a fotografia ocupa socialmente como registro de diferentes grupos sociais.

Desde seu surgimento, nas primeiras décadas do século XIX, a fotografia foi uma forma privilegiada de representação de famílias burguesas tradicionais, no velho mundo e no Brasil (MUAZE, 2006). No Brasil oitocentista,

(...) os retratos fotográficos preenchem os álbuns de família, cada vez mais em moda a partir dos anos 1850, e circulavam amplamente, ao serem trocados entre parentes e amigos, enviados dentro de cartas para destinatários distantes ou remetidos com fins de apresentação (MUAZE, 2006, p.76)

Séculos depois, mesmo com a popularização das câmeras digitais mais acessíveis ou mesmo as câmeras em telefones móveis, a fotografia ainda continua exercendo fascínio e permanece rara para famílias de baixa renda.

Apesar das afirmações acerca do caráter democrático da fotografia, a atividade surge direcionada essencialmente à aristocracia e à burguesia, tanto pela localização dos estúdios quanto pelo preço. A fotografia “revela-se um poderoso instrumento de coesão social, pois oferece às camadas hegemônicas um repertório de imagens comuns que permitem viajar no tempo e no espaço, estabelecer um ‘museu imaginário ideal’ (FABRIS, 2008, p. 45 apud FERRAZ, 2014).

Assim, apostávamos na experiência de criação artística da exposição como uma proposta de produção de saber de si através de um objeto estético, diminuindo o silêncio entre clínica e arte no campo da saúde mental.

Para Elizabeth Araújo Lima (2012), a produção artística pode ser encontrada no cerne de muitas práticas clínicas desenvolvidas no Brasil nos últimos trinta anos. A arte – colocada em relevo e explorada em diversos aspectos – é chamada a contribuir com o processo de transformação das instituições psiquiátricas e das concepções acerca da loucura.

A proposta animava a todos, no entanto, trazia a preocupação de que os participantes das oficinas – no caso usuários do serviço – se tornassem capazes de sistematizar as informações a partir da fotografia como objeto documental do momento vivido, considerando que há aspectos presentes na produção da imagem que interferem na apropriação e na atribuição de sentidos pelos leitores (ZANIRATO, 2005, p. 16). O que as imagens poderiam evocar aos participantes e aos não participantes do bloco? Poderiam contribuir para o fortalecimento da política de

saúde mental antimanicomial no município? O que poderíamos dizer da alegria como potência para a produção de saúde na clínica ampliada?

As discussões em torno da imagem e de sua leitura apontam para dois conceitos, um em que a imagem guarda similaridade com os objetos que representa e outra que compreende a imagem visual como um sistema simbólico cujo sentido vai sendo construído a partir da cultura e da história pessoal do sujeito, sendo este quem a significa. Partindo desse pressuposto,

A leitura de imagem requer modos de interpretação, de atribuição de sentido, de práticas encarnadas em gestos, hábitos, que são formados a partir da utensilagem mental das quais os indivíduos dispõem. A interpretação da imagem é um processo criativo, a visão que um leitor tem do mundo através da mesma não é um registro mecânico de objetos dispersos e sim a capacitação de estruturas significativas. (VILCHES, 1993 apud ZANIRATO, 2005, p.18)

Referindo-se aos produtos artísticos, Lima (2011) versa sobre sua imaterialidade, na medida em que “existem apenas no momento em que os experimentamos e depois se desfazem com a efemeridade daquilo que é mais da ordem da duração que da extensão”. Afirma, entretanto, a arte e suas potencialidades clínicas, defendendo que momentos artísticos “podem ser momentos clínicos de intensidade ímpar, não repetíveis, mas que têm a potência de provocar mutações subjetivas, ampliar a sensibilidade, potencializar a vida” (p.49).

No CAPS ad de Maracanaú, foram realizadas uma série de oficinas dirigidas àqueles que participaram do evento. O início do trabalho foi através de um convite ilustrado com uma das fotos de parte do grupo de saída para o carnaval, para que todos viessem ver as imagens do evento. O convite também anunciava que cada um poderia escolher uma foto sua e levar para casa. Na ocasião, das mais de 300 fotos feitas no dia do desfile, apresentou-se 80 delas dentre as quais 25 seriam escolhidas para compor a exposição. Olhar as fotografias e escolher as suas foi um momento descontraído e participativo. Além da realização de uma roda de conversa sobre a experiência de participação no bloco, a proposta de realizar uma exposição foi apresentada e discutida.



Figura 1: convite para a exposição de fotografias

Fonte: Relatório de Gestão da Atenção à Saúde Mental (Maracanaú-CE)

Proposta aceita, a cada encontro, fotógrafo e fotografados se empenhavam na construção narrativa da história que queriam contar. Pouco a pouco, a edição das imagens foi ganhando uma configuração narrativa coerente e interessante. A permanência ou retirada de alguma imagem em detrimento de outra foi se dando em meio a diálogos de negociação em que eram convidados a observar, distinguir detalhes e negociar critérios de inclusão e exclusão.

Para que a montagem da exposição se desse com a colaboração ativa e consciente de todos, realizamos atividades que familiarizassem os participantes com a linguagem fotográfica, a partir da leitura de imagem, enfatizando seus elementos significativos e comunicativos. Na ocasião da escolha das fotografias, solicitamos que as imagens fossem escolhidas pelo que permitiam expressar, de modo que os participantes não ficassem restritos a julgamentos estéticos. A pergunta chave era sempre: o que queremos comunicar ou expressar?

Em meio às escolhas das imagens, conexões vão sendo criadas com as histórias pessoais de participação em festas de carnaval, os sentimentos envolvidos

e as diferenças que puderam perceber em relação a experiências anteriores. Compartilhamos memórias, identificamos sentidos, presentificamos afetos.

Após o primeiro encontro, alguns relataram o destino de suas fotos pessoais: uma foi enviada à filha que vive em outra cidade; outra, posta em um porta-retratos na sala de visitas de uma amiga e vizinha que achara a foto muito bonita.

No século XIX e ainda na primeira metade do século XX, a prática da troca de fotografias marcou uma forma de sociabilidade entre famílias abastadas, conforme afirma Ferraz (2014),

As trocas de fotografias e doações destes documentos ajudam a compreender as formas de ser e pensar do século XIX, assim como permitem compreender as complexas redes de sociabilidade do período e as práticas de autorrepresentação da elite oitocentista. Uma parte das fotografias e cartões postais da coleção foi autografada e/ou contém breves comunicações, o que demonstra o uso social dessas imagens neste período. A análise dessa documentação é uma importante ferramenta de compreensão da tessitura dessas redes das famílias da elite no século XIX e início do século XX (p.71)

Vale ressaltar que a proposta de montagem da exposição não foi elaborada comportando uma avaliação clínica ou definindo objetivos terapêuticos precisos. Apesar disso, a utilização das fotografias teve também um propósito terapêutico na medida em que tomamos a produção artística como facilitadora da mobilização e elaboração psíquica. Quanto mais diversificado for o repertório de expressão de um indivíduo, melhores serão suas condições de elaborar suas experiências.

Sobre as oficinas expressivas como parte do projeto, Dionísio e Yasui (2012, p. 54) afirmam que

Em certa medida, o CAPS é um pouco disso: um lugar de possibilidades. Casa que pode acolher e abrigar uma loucura sem lugar de expressão. Ponto de encontro que é uma arte, já que há tantos desencontros pela vida (grato Vinícius de Moraes). Um lugar de referência em muitos sentidos. Lugar onde é possível cantar, buscar formas de argila, encontrar a exata expressão dramática de um gesto, construir um brinquedo de madeira, tecer uma blusa, enfim, criar. Criar objetos, formas, figuras, laços, linhas, tons cromáticos e musicais, nem sempre harmoniosos. Ou ficar num canto sem nada fazer (ou, quem sabe, talvez ficar viajando por impenetráveis devaneios?). E de repente, algo pode acontecer e uma história de vida começa a se delinear, desvendar, revelar.

Como tarefa, foi solicitada a cada participante a escrita de um texto acerca de sua experiência. Para os que não sabiam escrever, foram disponibilizados

gravadores e os textos, posteriormente transcritos por um profissional da instituição. Os textos iriam compor a exposição, juntamente às fotografias.

Como produto, realizamos uma exposição itinerante capaz de dialogar com a comunidade, levando ao público a discussão dos preconceitos e estigmas relacionados a pessoas com transtornos mentais e/ou problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas. Também, em março de 2012, a exposição foi montada e apresentada em um dos encontros de profissionais da Rede de Atenção à Saúde Mental de Maracanaú, na época, realizado mensalmente com o objetivo de organizar e qualificar os processos de trabalho, além de fortalecer a Política de Saúde Mental no Município. Sendo um encontro intersetorial, estavam presentes profissionais de diferentes formações com atuação na Atenção Básica, Assistência Social, Educação, Secretaria de Juventude e outros setores.

Consideramos que a oportunidade de construção e realização da exposição foi reveladora e transformadora para todos os envolvidos – trabalhadores de saúde e usuários dos serviços – permitindo superar limites, desvelar horizontes.

2 FOTOGRAFIAS DE CARNAVAL: A EXPOSIÇÃO

A fotografia diz menos do que o acontecido (Martins, 2011)

A exposição denominada “Fotografia de Carnaval”, editada e montada em colaboração dos participantes, usuários e trabalhadores, conforme mencionado anteriormente, totalizou uma composição de 25 fotografias selecionadas e pelos relatos e registros produzidos pelos usuários na oficina. Aconteceu em março de 2012, apresentando imagens e relatos emocionantes acerca da experiência.



Figura 2: Fotografia exposta (fantasia inspirada em Arthur Bispo do Rosário)

Fonte: acervo da exposição (Fotógrafo: Juliano Moura)

Durante a exposição, os usuários transformaram-se em guias, orientando a visita e dialogando com o público. Testemunhamos mobilização de sentimentos de realização pessoal, de consciência política, de conquista de direitos. O próprio desfile no bloco demonstrou a potencialidade transformadora de uma atividade cultural quando esta é alimentada de sentido e significado, dando vez e voz a quem antes só era reservada exclusão e silêncio.

Poderíamos aqui apresentar uma série de interpretações acerca de tais relatos de experiência, entretanto, optamos por apresentar uma carta – na íntegra – produzida por uma das participantes.

CARNAVAL 2012 – BLOCO DOIDO É TU

—CAPS, convite feito!

—Eu, convite aceito!

Pela primeira vez uma brincadeira (séria) sem vícios, me leva ao meu êxtase de alegria. Nunca me vi em uma avenida desfilando, dançando, cantando com tanta emoção.

No início o receio, o grande medo de errar. De errar feio! Muita gente se arrumando, muita gente chegando, muita gente se preparando... o grande medo de errar... entrosamento, fantasia, máscara, música, letra da música, batuque, alegria... risos, sorrisos, olhares admirados, fantasias coloridas...

tudo novo, gente desconhecida, o preto, o branco... as cores juntas, um arco-íris de harmonia...

De repente: Piuiiii !!! Alguém sopra o apito! —Fileira de sete!

Era uma verdadeira desorganização organizada! — Cantem! “Estou rasgando dinheiro, dando cambalhotas, estou rindo à toa!!

Todos cantavam sorrindo! Afinados e desafinados, roucos, estridentes!! Alegria total!! E eu lá, participando daquilo tudo com o coração descompassado, desritmado com medo de errar!!

Alegria total!!!

Eu, fazendo parte de um momento (pra mim) histórico, único. Representando uma alegria que eu nunca jamais imaginei ver... mas sentia no pulsar do coração que era essa minha missão: defender aquele estandarte, mostrando minha grande felicidade de momento ímpar! Me deixando permitir a explosão em meu íntimo...

Quisera ter repartido esse instante com os meus de sangue... mas não foi possível! Não fui entendida! Tentaram me repreender... mas eu estava lá, envolvida, participando, me mostrando, me soltando das rédeas do medo, do preconceito, do alheio...

Eu estava inteiramente em mim... sem regras, com leis... sem controle, controlada... na desorganização, organizada... cantando, dançando, me emocionando... me sentindo uma atriz, uma artista louca, muito solta... feliz!!! Rindo à toa!! Gostando do momento doida!!!

Marta Beleza

08/03/2012

É “gostando do momento doida”, que podemos localizar um dos pontos de virada propostos pela Reforma Psiquiátrica. O “Doido”, na perspectiva biomédica tradicional é o doente que deve ser “curado”, deve ter o agente patogênico desviante da norma eliminado às custas da exclusão do sujeito. A Clínica Ampliada encara aquilo que foge da norma, não como algo a ser eliminado, mas justamente como a diferença de onde pode advir um sujeito, a diferença que produz vida. Assim, a loucura passa do momento doída (dor, sofrimento) ao “gostar do momento doida”, abrindo uma via possível de conciliação entre aquilo que não cabe na norma e a própria experiência singular do sujeito.

Assim, como apontam Passos e Barros (2000) apud Cunha (2004), o sentido da clínica ampliada bifurca-se entre a etimologia *klinikos* (“que concerne ao leito”; de klíne, “leito, repouso”; de klíno “inclinado, dobrar”) e *clinamen* (o ato clínico como a produção de um desvio) possibilitando a criação de novos territórios existenciais a partir da experiência de desvio para além do acolhimento de quem demanda tratamento.



Figura 3: Fotografia exposta

Fonte: acervo da exposição (Fotógrafo: Juliano Moura)

Além disso, percebemos que este dispositivo foi o disparador de uma tentativa de abordar conflitos singulares: “brincadeira (séria), sem vícios”, “o grande medo de errar”, “com os de meu sangue”, “não fui entendida”, “sem regras, com lei”, “sem controle, controlada”. A fotografia pode ser encarada como um palimpsesto⁸, no sentido de possibilitar a inscrição ou reinscrição de uma realidade (PATRASSO, 2012). Ela não estaria apenas a serviço da mimese, mas seria uma forma de registrar uma representação. A câmera fotográfica não seria, portanto, apenas um aparelho que captura “verdades e mentiras”, mas um aparelho com potencial transformador da realidade diante das possibilidades de expressão de cada um com este dispositivo.

A experiência registrada em fotografias e organizada de modo a possibilitar a expressão daqueles cujo destino histórico anterior deveria ser a exclusão, permitiu a articulação, a partir da fala, da própria experiência subjetiva, sempre singular nos trilhos que apontam para uma ampliação da clínica.

⁸ Termo grego que designa papiro ou pergaminho cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização, e significa “riscar de novo” ou reescrever.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não pretendeu esgotar as discussões acerca das questões que lhe são pertinentes, mas apresentar um relato pautado pelas lutas - ainda vivas - da Reforma Psiquiátrica em sua proposta de lançar um novo olhar sobre a loucura.

A arte tem sido utilizada no contexto da clínica a partir da proposta de ampliação desta no contexto da Atenção Psicossocial. Neste trabalho, acompanhamos como a elaboração de uma exposição fotográfica sobre a participação carnavalesca dos integrantes da rede de saúde mental de um município pode operar como instrumento de transformação a partir das reflexões e ações suscitadas em seu processo de elaboração e apresentação.

Mesmo formas ditas ampliadas da clínica podem cair nas velhas estruturas manicomiais de controle e confinamento. Assim, optamos por sustentar algumas questões durante todo o processo: “O que queremos expressar? Pode uma exposição fotográfica servir de instrumento para a clínica ampliada e para o fortalecimento de uma política antimanicomial?”.

A fotografia mostrou-se não apenas um instrumento de registro, mas um utensílio capaz de reescrever a própria história dos sujeitos envolvidos, permitindo que traços implícitos nas imagens aparecessem enquanto desejo na fala de cada participante.

Mas não apenas na singularidade subjetiva que a oficina apresentou seus efeitos. No plano da política, a itinerância das apresentações serviu para o fortalecimento da luta, ainda hoje bastante necessária, antimanicomial tanto em estratégias de cuidado, como em formas ampliadas e alegres de produzir saúde.

A possibilidade de reinscrição das histórias individuais e coletivas moveu o interesse por este trabalho, interdisciplinar, no desafio de trabalhar a partir da diferença, buscando na expressão artística – carnavalesca, fotográfica, escrita – caminhos para práticas em saúde mental coerentes com a produção de vida e a construção de vias coletivas de transformação.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, P. D. de C.; CAMPOS, F. N. C. (orgs). *Saúde Mental e Arte: práticas, saberes e debates*. São Paulo: Zagodoni, 2012.
- ALVERGA, A. R.; DIMENSTEIN, M. A reforma psiquiátrica e os desafios na desinstitucionalização da loucura. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, v.10, n.20, p. 299-316, 2006.
- BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5ª Ed. Belo Horizonte, MG: Instituto Félix Guatarri, 2002.
- COSTA, L. A.; BRASIL, F. D. Cidade, territorialidade e redes na política de saúde mental. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 435-442, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/irisat/Documents/sa%C3%BAdemental.pdf>(acesso: 10/03/2016)
- CUNHA, G. T. *A construção da clínica ampliada na atenção Básica*. [Dissertação]. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Ciências Médicas, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Campinas, SP. 2004.
- DIONÍSIO, G. H.; YASUI, S. Oficinas expressivas, estética e invenção. In. AMARANTE, P.; NOCAM, F. (Org.). *Saúde Mental e Arte: Práticas, Saberes e Debates*. São Paulo: Zagodoni, 2012.
- FERRAZ, R. C. Memória e narrativa visual nos álbuns de fotografias oitocentistas das famílias Ferreira Lage e Cavalcante. *Resgate*, vol. XXII, n. 28, p. 63-73, jul./dez. 2014.
- LIMA, E. A. Artes Menores: criação de si e de mundos nas ações em saúde mental. In. AMARANTE, P.; NOCAM, F. (Org.). *Saúde Mental e Arte: Práticas, Saberes e Debates*. São Paulo: Zagodoni, 2012.
- MUAZE, M. de A. F. *Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar*. *An. mus. paul.* [online], vol.14, n. 2, p. 73-105, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142006000200004>>acesso: 05/03/2016.
- PATRASSO, R. *Além do visível: a fotografia e a ótica da psicanálise*. [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2012.
- PELBART, P. P. Manicômio mental: a outra face da clausura. In: LANCETTI, A. et al (orgs). *Saúde e Loucura 2*, 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 131-138.
- SAMPAIO, J. J. C.; BARROSO, C. M. C. Centros de Atenção Psicossocial e equipes de saúde da família: diretrizes e experiências no Ceará. *Saúde e Loucura: Saúde Mental e Saúde da Família*, n. 7. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 199-220.
- ZANIRATO, S. H. *As dimensões da imagem: abordagens teóricas e metodológicas* In: PELEGRINI, S.; ZANIRATO, S. H. (orgs). Maringá: Eduem, 2005.